

Interpretação de pronomes sujeito anafóricos e catafóricos por falantes de português L2: efeitos da língua materna¹

Maria Lobo, Ana Madeira e Carolina Silva

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade NOVA de Lisboa/CLUNL

Abstract:

This paper investigates the interpretation preferences for null and overt subject pronouns in anaphoric and cataphoric contexts in L2 Portuguese and, specifically, whether: i) the L1 of the participants (Italian and German) influences their interpretation; ii) there is evidence of development; iii) there are differences determined by pronoun type and context. The results of a picture selection task administered to the L2 groups and a group of L1 adults show that the distinction between null and overt subjects is established early; learners distinguish anaphoric and cataphoric contexts and their performance may be influenced by processing constraints; there is some development from beginner to advanced level, visible in the Italian group mainly for overt pronouns; and the proximity of the L1 appears to facilitate L2 acquisition.

Keywords: L2, Portuguese, subject pronoun, anaphora resolution.

Palavras-chave: L2, português, pronome sujeito, resolução de anáfora.

1. Introdução

Neste trabalho, investigamos qual a interpretação preferencial que falantes de português L2 dão a sujeitos nulos e pronominais de orações adverbiais em contextos de anáfora e catáfora. Numa língua de sujeito nulo como o português, é sabido que sujeitos nulos tendem a recuperar um antecedente sujeito, ao passo que sujeitos pronominais tendem a recuperar um antecedente diferente do sujeito (Montalbetti 1984; Carminati 2002; Costa, Faria & Matos 1998; Luegi 2012). Estes efeitos, que são relativamente claros nos adultos, são de desenvolvimento tardio na aquisição de L1 (e.g. Serratrice 2007, para o italiano; Papadopoulou *et al.* 2015, para o grego; Lobo & Silva 2016, para o português) e na aquisição de L2 (Sorace & Filiaci 2006; Serratrice, Sorace & Paoli 2004; Sorace, Serratrice, Filiaci & Baldo 2009), sendo a interpretação de sujeitos pronominais de aquisição mais tardia do que a de sujeitos nulos. Os contextos anafóricos parecem estabilizar mais cedo do que os catafóricos. Este desenvolvimento tardio tem sido atribuído a custos de processamento associados a fenómenos de interface.

¹ Este trabalho foi financiado pela FCT, através do Projeto Estratégico PESt-OE/LIN/UI3213/2014.



Na sequência de trabalhos anteriores, pretendemos verificar se: i) a língua materna dos participantes (sujeito nulo vs. sujeito obrigatório) tem influência no seu desempenho; ii) existe desenvolvimento dos níveis elementares para níveis avançados; iii) há diferenças entre contextos anafóricos e contextos catafóricos e entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais.

2. Enquadramento

2.1. Complementaridade entre sujeitos nulos e plenos

Nas línguas de sujeito nulo consistentes, como é o caso do português europeu, do italiano e do espanhol, existem diferenças interpretativas entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais em diferentes contextos, incluindo orações completivas com o indicativo e orações adverbiais com o indicativo. Ainda que os juízos dos falantes não sejam categóricos, tendencialmente um sujeito nulo tende a recuperar um antecedente numa posição proeminente, tipicamente um sujeito, e um sujeito pronominal tende a recuperar um antecedente diferente do sujeito, como se ilustra em (1) e (2), com uma completiva e uma adverbial temporal, respetivamente:

- (1) a. O João_i disse ao Pedro_i que *pro*_{i/??j} estava atrasado.
b. O João_i disse ao Pedro_j que *ele*_{??i/j} estava atrasado.
- (2) a. O João_i falou ao Pedro_j quando *pro*_{i/??j} chegou a casa
b. O João_i falou ao Pedro_j quando *ele*_{??i/j} chegou a casa

Estes efeitos, descritos por exemplo em Chomsky (1981) e Montalbetti (1984), foram atribuídos a um Princípio da Gramática que, por razões de economia, favorece uma forma nula, mais defetiva, em detrimento de uma forma plena, a não ser que se queira assinalar uma mudança de tópico, o chamado *Avoid Pronoun Principle* ou Princípio Evite o Pronome.

As interpretações descritas acima, que são preferenciais em contextos neutros, podem não corresponder à interpretação preferencial em contextos que favoreçam outra leitura. Por exemplo, em contextos como o de (3), é forçada uma interpretação diferente da esperada pela concordância em género e pelo contexto pragmático:

- (3) O médico disse à Ana que *pro* estava muito magra.



Assim, numa língua de sujeito nulo consistente, como o português, não é impossível a correferência entre o sujeito nulo encaixado e o objeto da matriz.

Por outro lado, a correferência entre um sujeito pronominal encaixado e o objeto da matriz pode ser desfavorecida se o objeto for não animado (Costa, Faria & Matos 1998; Barbosa, Duarte & Kato 2005; Morgado, em curso). Assim, é mais fácil obter-se uma leitura correferente entre o sujeito pronominal e o sujeito da matriz em (4a) do que em (4b):

- (4) a. O Francisco estragou o telefone quando ele caiu.
b. O Francisco viu o Pedro quando ele caiu.

Ainda que a explicação para as diferenças interpretativas entre sujeitos nulos e sujeitos plenos não seja completamente clara, os dados obtidos para diferentes línguas mostram que a interpretação de sujeitos nulos tende a ser mais estável do que a de pronomes plenos. Filiaci, Sorace & Carreiras (2013) mostram que os pronomes plenos do espanhol recuperam mais facilmente um sujeito do que os do italiano. Estas duas línguas diferem no que diz respeito ao processamento de pronomes plenos, ao passo que a interpretação de sujeitos nulos é semelhante.

As diferenças de interpretação entre sujeitos nulos e plenos estarão provavelmente dependentes das propriedades gramaticais de cada uma destas formas (uma é um pronome forte e outra é uma forma fraca), acarretando custos de processamento distintos para cada uma delas (Carminati 2002; Luegi 2012; entre outros). Contudo, Alonso-Ovalle et al. (2002) mostram que nem sempre os falantes têm juízos correspondentes aos descritos na literatura. Por exemplo, a complementaridade descrita na literatura entre sujeitos nulos e plenos com antecedentes quantificados (Montalbetti 1984) não é respeitada por todos os falantes, que podem aceitar que pronomes realizados tenham um antecedente quantificado.

Para além da natureza da forma pronominal, a sua posição relativamente ao antecedente pode condicionar a interpretação. Sorace & Filiaci (2006) e Serratrice (2007) mostram que em contextos catafóricos, i.e. em contextos em que a forma pronominal precede o seu antecedente, há uma maior tendência para optar pelo antecedente sujeito, independentemente do estatuto morfossintático do sujeito pronominal. Possivelmente, esta é uma estratégia com menores custos de processamento.



Em línguas de sujeito obrigatório, como o inglês ou o francês, os contrastes descritos acima não existem: um sujeito pronominal pode retomar quer o sujeito quer um argumento diferente do sujeito:

- (5) John_i told Peter_j that he_{i/j} was late.
- (6) John_i talked to Peter_j when he_{i/j} came home.

- (7) Jean_i a dit à Pierre_j qu'il_{i/j} était en retard.
- (8) Jean_i a parlé à Pierre_j quand il_{i/j} est arrivé.

Contudo, algumas línguas dispõem também de formas demonstrativas, que são por vezes usadas para estabelecer uma diferença interpretativa com o sujeito pronominal e desfazer ambiguidades. Este parece ser o caso do alemão². Como mostram Bosch, Rozario & Zhao (2003), em alemão o pronome pessoal *er* retoma mais facilmente o sujeito ou um elemento tópico do que o pronome demonstrativo *der*, que retoma preferencialmente um antecedente não tópico:

- (9) Paul wollte mit Peter laufen gehen, aber {er/der} war erkältet.
Paul queria com Peter correr ir, mas ele/este estava engripado
“O Paul queria ir correr com o Peter, mas (ele) estava engripado”

Existe, pois, alguma complementaridade entre formas pronominais em alemão, mas diferente da que existe nas línguas de sujeito nulo, que se estabelece entre formas nulas e pronomes plenos.

2.2. Aquisição de interpretação de sujeitos nulos e plenos por falantes de L2

No contexto de aquisição de língua segunda, vários trabalhos têm investigado de que forma os falantes são sensíveis às diferenças interpretativas entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais e se há ou não influência das propriedades da língua materna dos falantes no seu desempenho.

² Agradecemos a Cristina Flores esta indicação.



Sendo esta uma área que envolve questões de interface entre um subsistema interno à gramática (componente sintática) e um sistema externo (discurso), será, de acordo com a Hipótese de Interface (Sorace & Filiaci 2006; Tsimpli & Sorace 2006; entre outros), uma área de desenvolvimento mais tardio.

Ainda que os resultados dos vários estudos (que envolvem populações bilingues, contextos de língua de herança ou de língua segunda) nem sempre sejam coincidentes, na generalidade dos casos, tem-se encontrado um desempenho pior com sujeitos pronominais plenos do que com sujeitos nulos (Sorace & Filiaci 2006; Margaza & Bel 2006; Serratrice, Sorace & Paoli 2004; Sorace, Serratrice, Filiaci & Baldo 2009; Madeira, Xavier & Crispim 2010, 2012; Katsa, Tsimpli & Rothman 2015; Pirkmayr 2015).

No que diz respeito ao papel da L1 na interpretação de sujeitos pronominais numa língua não materna, a evidência é contraditória. Alguns estudos que consideram a aquisição de propriedades de sujeitos pronominais de línguas de sujeito nulo por falantes que têm como L1 também uma língua de sujeito nulo mostram que também estes falantes têm dificuldades relativamente às condições que regulam o uso de pronomes (Margaza e Bel 2006, 2008, e.o.). Esta é aliás uma área que é também de desenvolvimento tardio na aquisição de L1 (Serratrice 2007; Papadopoulou et al. 2015; Silva 2012, 2015; Lobo e Silva 2016). Contudo, alguns estudos mostram que pode haver diferenças de desempenho em falantes de diferentes línguas maternas e que as propriedades da L1 podem condicionar a aquisição da L2. Num estudo com aprendentes de português como língua não materna, Madeira, Xavier e Crispim (2012) mostram que os participantes cuja L1 é o italiano têm desempenhos próximos do grupo de controlo, distinguindo-se dos participantes que têm o chinês como L1.

A forma como as propriedades da L1 (e a sua maior ou menor proximidade relativamente à L2) condicionam o percurso de aquisição não é ainda completamente clara, ainda que, em geral, se considere que as propriedades na interface sintaxe-discurso são mais vulneráveis e menos suscetíveis a revelar efeitos de transferência da L1, por contraste com as propriedades puramente gramaticais.

2.3. Questões de investigação

Tendo em conta a descrição existente para o português e as hipóteses sobre o desenvolvimento de uma L2, procuramos neste estudo investigar a interpretação que



aprendentes de português L2 de diferentes línguas maternas atribuem a sujeitos nulos e pronominais em orações adverbiais antepostas ou pospostas com dois antecedentes possíveis na oração principal. Considerámos dois grupos de aprendentes: i) um grupo de L1 italiano; ii) um grupo de L1 alemão. Sendo o italiano uma língua de sujeito nulo, com propriedades semelhantes ao português no que diz respeito à distribuição de sujeitos nulos e plenos, e o alemão uma língua de sujeito obrigatório, em que não há alternância entre sujeito nulo e sujeito pronominal, procurámos perceber se o facto de a língua materna dos participantes ter propriedades semelhantes à L2 facilitaria a interpretação de sujeitos nulos e pronominais ou se, pelo contrário, não teria impacto.

Colocámos então as seguintes questões:

- i) Há diferenças de interpretação entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais?
- ii) A língua materna dos participantes (sujeito nulo vs. sujeito obrigatório) tem influência no seu desempenho?
- iii) Existe desenvolvimento dos níveis elementares para os níveis avançados?
- iv) Há diferenças entre contextos anafóricos e contextos catafóricos?

3. Estudo

3.1. Metodologia

Foram consideradas duas variáveis relativamente aos participantes: língua materna do participante (L1 italiano – língua de sujeito nulo; L1 alemão – língua de sujeito obrigatório) e nível de proficiência em português (elementar, intermédio, avançado). Compararam-se os resultados obtidos com os de um grupo de controlo de adultos com português L1, testados em Lobo & Silva (2016). Os participantes tinham idades entre os 18 e os 68. O número de participantes em cada grupo está indicado na tabela 1.

Nível	L1 Alemão	L1 Italiano	L1 Português
Elementar	30	35	—
Intermédio	18	16	—
Avançado	16	32	—
Total	64	83	35

Tabela 1. Participantes



Foi aplicado um teste de seleção de imagem, idêntico ao usado em Lobo & Silva (2016). Eram mostradas duas imagens aos participantes, sendo-lhes pedido que escolhessem aquela que julgassem que melhor correspondia à frase que ouviam e que também era apresentada por escrito. As frases testadas eram frases complexas com uma oração subordinada adverbial temporal iniciada por *quando* que incluía o pronome sujeito nulo ou pleno (envolvendo um único argumento humano). A oração principal continha um verbo transitivo e dois antecedentes possíveis para o pronome (correspondendo a dois argumentos humanos): o sujeito ou o objeto. O género dos dois argumentos era sempre o mesmo, para que houvesse ambiguidade na interpretação do pronome, que podia retomar o sujeito ou o objeto da oração principal.

Foram manipuladas duas variáveis linguísticas independentes: a) tipo de pronome sujeito (nulo vs. pronominal); e b) posição do pronome relativamente ao antecedente (anafórico – oração adverbial posposta vs. catafórico – oração adverbial anteposta). O teste incluía assim quatro condições, com 6 itens de teste cada uma, num total de 24 itens:

- i) Sujeito nulo na oração adverbial posposta (sujeito nulo anafórico) – 6 itens;
- ii) Sujeito nulo na oração adverbial anteposta (sujeito nulo catafórico) – 6 itens;
- iii) Sujeito pronominal na oração adverbial posposta (sujeito pronominal anafórico) – 6 itens;
- iv) Sujeito pronominal na oração adverbial anteposta (sujeito pronominal catafórico) – 6 itens.

Seguindo a ordem acima, apresentamos um exemplo de uma das frases para cada condição:

- (1) O pai fotografou o menino quando *pro* se sentou. (sujeito nulo anafórico)
- (2) Quando *pro* saiu da garagem, a mãe fotografou a menina. (sujeito nulo catafórico)
- (3) A avó cumprimentou a menina quando *ela* chegou a casa. (sujeito pleno anafórico)
- (4) Quando *ele* subiu à árvore, o polícia viu o ladrão. (sujeito pleno catafórico)



A ordem de apresentação dos itens, bem como a posição das imagens em cada par foram tornadas aleatórias (ver Apêndice com a totalidade dos estímulos usados de acordo com a sua ordem de apresentação) e procurou-se que os pronomes tivessem uma entoação neutra.

Damos um exemplo de um par de imagens que acompanhava a frase (1):

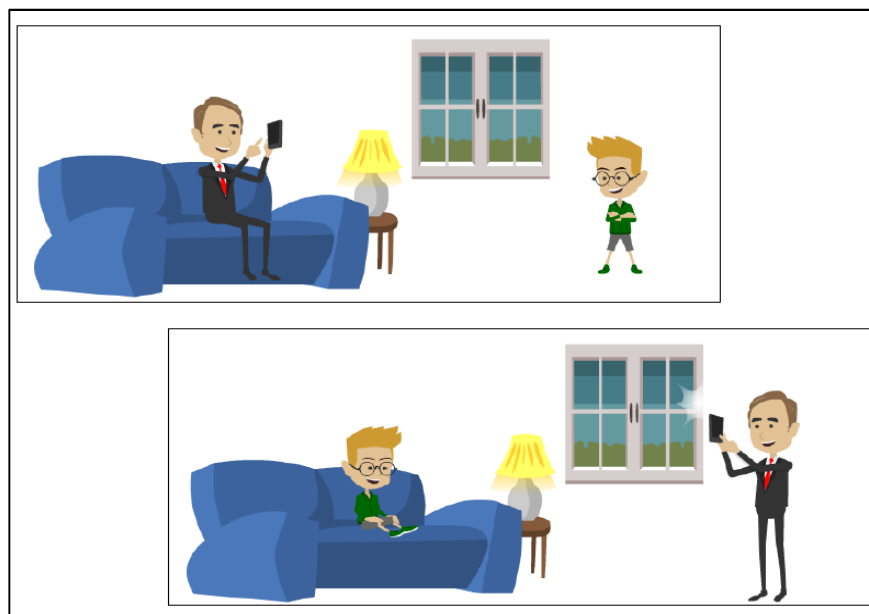


Imagem 1. Exemplo de imagens usadas no teste

Como se pode ver, se, para a frase *O pai fotografou o menino quando se sentou*, o participante escolher a imagem de cima, estará a preferir a interpretação em que o sujeito nulo retoma o sujeito da oração principal (o pai). Se escolher a imagem de baixo, estará a optar pela interpretação em que o sujeito nulo retoma o objeto (o menino). Era solicitado a cada um dos participantes que escolhesse uma e só uma imagem. Assim, não foi colocada a hipótese de um participante poder selecionar simultaneamente as duas imagens apresentadas.

No presente estudo, a variável dependente correspondia à escolha do antecedente (sujeito vs. objeto). Deste modo, as imagens fornecidas podiam corresponder à interpretação em que o pronome retoma o antecedente sujeito ou à interpretação em que o pronome retoma o antecedente objeto.



3.2. Resultados

Os resultados foram codificados verificando qual era a seleção do participante relativamente ao antecedente (sujeito ou objeto). No gráfico 1, apresentamos as taxas de opção pelo antecedente sujeito organizadas por grupo de participantes e por condição testada. Complementamos esta informação com a tabela 2, que mostra os valores absolutos e respetivas percentagens obtidos na seleção quer do antecedente sujeito quer do antecedente objeto para cada grupo de participantes em cada uma das condições.³

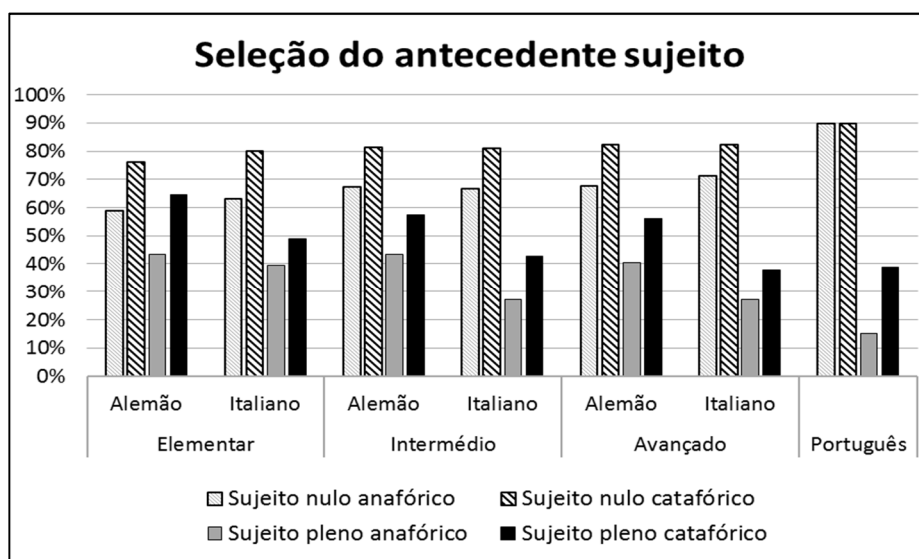


Gráfico 1: Percentagem de escolha do antecedente sujeito por grupo e por condição

³ As comparações estatísticas foram efetuadas por meio de testes de qui-quadrado de Pearson, com correção de continuidade de Yates. Neste estudo, uma diferença é considerada significativa quando $p < 0.05$.



L1	Nível	Sujeito nulo anafórico		Sujeito nulo catafórico		Sujeito pleno anafórico		Sujeito pleno catafórico	
		Ant. sujeito	Ant. objeto	Ant. sujeito	Ant. objeto	Ant. sujeito	Ant. objeto	Ant. sujeito	Ant. objeto
Alemão	Elementar	106/180 59%	74/180 41%	137/180 76%	43/180 24%	78/180 43%	102/180 57%	116/180 64%	64/180 36%
	Intermédio	73/108 68%	35/108 32%	80/108 81%	20/108 19%	47/108 44%	61/108 56%	62/108 57%	46/108 43%
	Avançado	65/96 68%	31/96 32%	79/96 82%	17/96 18%	39/96 41%	57/96 59%	54/96 56%	42/96 44%
Italiano	Elementar	133/210 63%	77/210 37%	168/210 80%	42/210 20%	83/210 40%	127/210 60%	103/210 49%	107/210 51%
	Intermédio	64/96 71%	32/96 29%	78/96 82%	18/96 18%	26/96 27%	70/96 73%	41/96 38%	55/96 62%
	Avançado	137/192 71%	55/192 29%	158/192 82%	34/192 18%	52/192 27%	140/192 73%	73/192 38%	119/192 62%
Português	—	188/210 90%	22/210 10%	190/210 90%	20/210 10%	32/210 15%	178/210 85%	82/210 39%	128/210 61%

Tabela 2. Resultados de seleção de antecedente (sujeito e objeto) por grupo e por condição

Na apresentação dos resultados, retomamos as questões de investigação.

i) Há diferenças de interpretação entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais?

Nos falantes de L1 há uma divisão de trabalho clara entre pronomes nulos e pronomes plenos – os pronomes nulos retomam preferencialmente antecedentes sujeito e os pronomes plenos retomam preferencialmente antecedentes diferentes do sujeito. Contudo, todos os grupos de L2 distinguem também sujeitos nulos de sujeitos plenos, ainda que as distinções não sejam tão acentuadas como no grupo de controlo ($p < 0.001$ em todas as comparações).

ii) A língua materna dos participantes (sujeito nulo vs. sujeito obrigatório) tem influência no seu desempenho?

Observa-se alguma diferença entre o grupo L1 italiano e L1 alemão, que se manifesta sobretudo nas condições com pronomes plenos: o grupo de alemão L1 escolhe mais frequentemente antecedentes sujeito para pronomes plenos⁴.

⁴ Para as condições com pronomes plenos, o grupo L1 alemão elementar distingue-se do grupo L1 italiano elementar ($\chi^2 = 6.78, p = 0.009$), o grupo L1 alemão intermédio distingue-se do grupo L1 italiano intermédio ($\chi^2 = 9.42, p = 0.002$), o grupo L1 alemão avançado distingue-se do grupo L1 italiano avançado ($\chi^2 = 13.06, p < 0.001$).



iii) Existe desenvolvimento dos níveis elementares para os níveis avançados?

Observam-se, nos grupos de italiano L1, algumas diferenças entre os níveis de proficiência em português nas condições de pronome pleno. A comparação entre o nível elementar e o intermédio do grupo de italiano L1 obteve resultados no limiar de uma diferença significativa na condição de pronome pleno anafórico ($\chi^2 = 3.92$, $p = 0.048$), enquanto a comparação entre o nível elementar e o avançado deste grupo na mesma condição apresentou uma diferença significativa maior ($\chi^2 = 6.41$, $p = 0.011$). Também se registou uma diferença estatisticamente significativa entre o nível elementar e o avançado no contexto de pronome pleno catafórico ($\chi^2 = 4.52$, $p = 0.034$) para os participantes de italiano L1.

Não se verificam diferenças significativas entre os níveis de proficiência em português relativamente aos grupos de alemão L1 ($p > 0.05$ na comparação de cada par de grupos).

iv) Há diferenças entre contextos anafóricos e contextos catafóricos?

Há, de um modo geral, diferenças entre contextos anafóricos e contextos catafóricos. Relativamente ao sujeito nulo, apenas o grupo de português L1 tem resultados sem diferença significativa ($\chi^2 = 0.03$, $p = 0.871$). Neste tipo de pronome, todos os outros grupos apresentam diferenças significativas nas comparações entre os contextos anafóricos e os contextos catafóricos ($p < 0.05$ dentro de cada grupo).

Quanto ao sujeito pleno, quer o grupo L1 alemão intermédio ($\chi^2 = 3.63$, $p = 0.057$) quer o grupo L1 italiano elementar ($\chi^2 = 3.48$, $p = 0.062$) apresentam valores ainda sem diferenças significativas nas comparações entre a condição anafórica e a catafórica. Os restantes grupos (incluindo o de controlo), nas comparações entre pronomes plenos anafóricos e os pronomes plenos catafóricos, revelaram resultados com diferenças significativas ($p < 0.05$ em cada comparação).

Se olharmos para os resultados individuais, podemos verificar qual a percentagem de participantes, em cada grupo, que tem resultados superiores ao acaso na opção pelo antecedente sujeito para sujeitos nulos e pelo antecedente objeto para sujeitos plenos. Considerou-se 5 respostas em 6 como superior a acaso.



L1	Nível	Sujeito nulo anafórico		Sujeito nulo catafórico		Sujeito pleno anafórico		Sujeito pleno catafórico	
		SUJ	OBJ	SUJ	OBJ	SUJ	OBJ	SUJ	OBJ
Alemão	Elementar	27%	0%	63%	3%	10%	20%	27%	3%
	Intermédio	33%	0%	56%	0%	11%	33%	28%	11%
	Avançado	38%	0%	63%	0%	6%	38%	25%	0%
Italiano	Elementar	31%	0%	63%	0%	3%	31%	11%	14%
	Intermédio	31%	0%	56%	0%	0%	56%	11%	19%
	Avançado	47%	0%	72%	0%	6%	59%	6%	28%
Português	—	89%	0%	86%	0%	0%	71%	11%	29%

Tabela 3. Percentagem de participantes com respostas superiores ao acaso para o sujeito nulo (interpretação preferencial=sujeito) e para o sujeito pleno (interpretação preferencial=objeto) por grupo e por condição

Pode verificar-se que há muito mais taxas de resposta ao acaso nos grupos de L2 do que no grupo de controlo. O contexto de pronome nulo catafórico é aquele em que há uma maior aproximação ao grupo de controlo: em todos os grupos, mais de metade dos participantes opta pelo antecedente sujeito. No contexto de sujeito pleno anafórico, os falantes de italiano L1 de nível intermédio e avançado aproximam-se mais do grupo de controlo e optam maioritariamente pelo antecedente objeto.

4. Discussão e conclusões

Os resultados do nosso estudo confirmam a existência de assimetrias observadas em trabalhos anteriores, tanto no desempenho de falantes adultos de L1 como na aquisição de L1 e L2, entre sujeitos nulos e pronominais, por um lado, e entre contextos anafóricos e catafóricos, por outro.

Assim, verificou-se que, embora haja diferenças entre os grupos de português L2 e o grupo de português L1, todos os grupos distinguem sujeitos nulos de plenos no que respeita à escolha de antecedente, preferindo antecedentes sujeito para os sujeitos nulos e antecedentes objeto para os pronomes plenos. Esta preferência, contudo, é mais robusta com pronomes nulos do que com plenos. Além disso, enquanto o desempenho dos dois grupos de L2 com sujeitos nulos se mantém estável ao longo do seu percurso de desenvolvimento, o grupo de italiano regista, nos níveis intermédio e avançado, uma aproximação gradual ao desempenho do grupo de controlo, com uma diminuição significativa de seleção de antecedente sujeito nas condições de pronomes plenos.



Estes resultados confirmam os dados de estudos anteriores, que, como foi referido em 1. e 2. acima, mostram que os sujeitos nulos são mais estáveis nas gramáticas nativas adultas e são de desenvolvimento mais precoce na aquisição de L1 (monolíngue e bilingue) e de L2 do que os pronomes plenos. Esta assimetria entre as duas formas é geralmente atribuída às diferentes propriedades gramaticais e interpretativas que as caracterizam. Em particular, a interpretação dos pronomes fortes está especialmente dependente de fatores semânticos e de condições de adequação discursiva e constitui um fenómeno de interface, acarretando custos de processamento mais elevados. Estas características poderão explicar por que razão os falantes não nativos de línguas de sujeito nulo como o português têm mais dificuldade em desenvolver conhecimento das preferências interpretativas dos pronomes plenos e em determinar os contextos em que estes são discursivamente adequados.

Verifica-se ainda que todos os grupos de L2 (mas não o grupo de L1) estabelecem uma distinção entre contextos anafóricos e catafóricos com sujeitos nulos, apresentando uma preferência significativamente maior por antecedentes sujeito em contextos catafóricos; além disso, todos os grupos (com exceção do alemão intermédio e do italiano elementar) distinguem entre os dois contextos nas condições de sujeito pleno, associando o sujeito pronominal de forma mais clara a um antecedente objeto em contextos anafóricos. Estes resultados corroboram as conclusões de trabalhos anteriores. Por exemplo, num estudo sobre as interpretações de pronomes realizado com falantes nativos de italiano adultos, Fedele & Kaiser (2014) mostram que, para estes falantes, os pronomes plenos retomam mais facilmente antecedentes sujeito em contextos de catáfora do que de anáfora, e propõem que o contraste entre os dois contextos resulta do efeito da posição sintática do pronome relativamente aos seus potenciais antecedentes e da maior proximidade do antecedente sujeito – quando encontra um pronome, o *parser* tenta encontrar um antecedente para esse pronome o mais rapidamente possível (“in order to minimize the cognitive cost of maintaining an unresolved dependency”, de acordo com Fedele & Kaiser 2014:88); no caso da catáfora, o primeiro antecedente que encontra é o sujeito da matriz. Esta necessidade de recuperar o antecedente do pronome tão depressa quanto possível pode levar ao cancelamento da interpretação preferencial do pronome (de retoma de um antecedente diferente do sujeito). Este efeito de processamento poderá explicar também os resultados obtidos nos grupos de L2 do nosso estudo.



Ao contrário dos falantes de português L1 do nosso estudo (e dos falantes de italiano L1 de Fedele & Kaiser 2014), o grupo de italiano L1 de Sorace & Filiaci (2006) (e também o grupo de controlo de Belletti, Bennati & Sorace 2007) mostra, na condição de pronome pleno catafórico, preferência por um referente diferente do sujeito e do complemento da matriz. Esta diferença nos resultados poderá dever-se ao facto de, ao contrário do que acontece no nosso estudo, o desenho experimental de Sorace & Filiaci (2006) incluir um terceiro referente potencial, que não estava presente na frase de teste, mas que era compatível com o pronome em género e número. Assim, as taxas mais elevadas de seleção de um antecedente sujeito para o pronome pleno catafórico do grupo de controlo do nosso estudo poderão dever-se à ausência de um terceiro referente no desenho experimental (que poderia ser a resposta preferencial neste contexto). Este facto poderá explicar também porque é que este grupo apresenta uma maioria de respostas ao acaso (apenas) nesta condição.

Os resultados dos nossos grupos de L2 (e, em particular, do grupo falante de alemão, língua de sujeito obrigatório), pelo contrário, são comparáveis aos que Sorace & Filiaci (2006) obtiveram para os seus falantes de inglês L1 a adquirir italiano L2; contudo, estes registam taxas de seleção de antecedente sujeito nas condições de pronome pleno mais baixas do que as verificadas no nosso estudo, o que poderá dever-se novamente à presença de um referente adicional no contexto, por um lado, e ao facto de serem falantes quase-nativos, por outro.

Ao contrário de trabalhos anteriores no domínio da L2, que investigam a aquisição de sujeitos nulos e plenos por falantes nativos de línguas de sujeito obrigatório (uma exceção é, por exemplo, o estudo descrito em Margaza & Bel 2006, 2008, referido em 2.2., em que se observam usos redundantes de pronomes plenos nas produções de falantes nativos de uma língua de sujeito nulo), o nosso estudo compara falantes de uma língua de sujeito nulo e de uma língua de sujeito obrigatório. De modo geral, verifica-se que os dois grupos de aprendentes se distinguem sobretudo nas condições com pronomes plenos (de facto, não se observam diferenças significativas entre os dois grupos nas condições com sujeitos nulos): o grupo de alemão L1 escolhe mais frequentemente antecedentes sujeito para pronomes plenos, particularmente em contextos de catáfora. O efeito da língua materna é claramente visível também no percurso de desenvolvimento que se observa no grupo de italiano L1, com uma diminuição significativa de seleção de antecedente sujeito nas condições com pronomes plenos, em contraste com a ausência de desenvolvimento no grupo de alemão L1 nestas condições.



Estes resultados indicam que as propriedades da L1 dos aprendentes influenciam pelo menos a sua interpretação de pronomes plenos na L2: de modo geral, os falantes de italiano, a língua de sujeito nulo, apresentam desempenhos mais próximos do grupo de controlo, o que sugere algum efeito da proximidade entre os dois sistemas linguísticos; por seu lado, os falantes de alemão, a língua de sujeito obrigatório, em que um pronome pleno tanto pode retomar um sujeito como um não sujeito, têm resultados mais desviantes do grupo de controlo nas condições com sujeitos plenos. Estes aprendentes têm de determinar qual é a divisão de trabalho entre pronomes nulos e plenos e as suas diferentes preferências interpretativas, e identificar os contextos em que o pronome pleno é discursivamente mais adequado.

Dado que se observam evidências de efeitos de influência da L1, o que se torna surpreendente é a constatação de que o grupo de alemão L1 estabelece uma distinção clara entre o sujeito nulo e o pronome pleno já no nível elementar. Para este facto poderão contribuir dois fatores. Por um lado, como foi referido em 2.1., o alemão, apesar de ser uma língua de sujeito obrigatório, possui formas demonstrativas que alternam com os sujeitos pronominais e desempenham funções que, em línguas de sujeito nulo, são realizadas pelos pronomes plenos. Esta divisão de tarefas entre pronomes pessoais e demonstrativos pode ter um efeito determinante na aquisição precoce da distinção entre sujeitos nulos e plenos evidenciada por este grupo.

Além disso, observa-se possivelmente também um efeito do conhecimento de outras L2 de sujeito nulo. No grupo de alemão L1, 39 falantes têm conhecimento de espanhol (17 no nível elementar, 10 no nível intermédio e 12 no nível avançado); 17 destes falantes posicionam-se num nível de proficiência avançado ou quase-nativo nesta língua. Este conhecimento prévio do espanhol poderá contribuir para explicar quer a distinção que estes falantes estabelecem entre sujeitos nulos e plenos a partir do nível elementar, quer as suas taxas mais elevadas de seleção de antecedentes sujeito nas condições com sujeitos plenos (recorde-se que, de acordo com Filiaci, Sorace & Carreiras 2013, os pronomes plenos em espanhol retomam mais facilmente antecedentes sujeito do que em outras línguas de sujeito nulo como o italiano; ver 2.1. acima). Assumindo que o desempenho do grupo de alemão no que respeita à interpretação de sujeitos pronominais em português L2 é influenciado por propriedades quer da sua L1, quer de outras L2, e tendo em conta as diferenças que se observaram nos desempenhos dos grupos de alemão e de italiano, concluímos que o conhecimento linguístico prévio é, claramente, um fator de relevo na aquisição das propriedades aqui investigadas.



Referências

- Alonso-Ovalle, Luis, Susana Fernández-Solera, Lyn Frazier & Charles Clifton, Jr. (2002) Null vs. overt pronouns and the topic–focus articulation in Spanish. *Journal of Italian Linguistics* 14, pp. 151-169.
- Barbosa, Pilar, Eugênia Lamoglia Duarte & Mary Kato (2005) Null Subjects in European and Brazilian Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics* 4 (2), pp. 11-52.
- Belletti, Adriana, Elisa Bennati & Antonella Sorace (2007) Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: Evidence from near-native Italian. *Natural Language and Linguistic Theory* 25, pp. 657-689.
- Bosch, Peter, Tom Rozario & Yufan Zhao (2003) Demonstrative pronouns and personal pronouns. German *der* vs. *er*. Proceedings of the EAACL2003. Budapest. *Workshop on The Computational Treatment of Anaphora*.
- Carminati, Maria Nella (2002) *The Processing of Italian Subject Pronouns*. Dissertação de doutoramento, University of Massachusetts at Amherst, Amherst (Ma): GLSA Publications.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Costa, Armanda, Isabel Hub Faria & Gabriela Matos (1998) Ambiguidade referencial na identificação do sujeito em estruturas coordenadas. *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 173-188.
- Fedele, Emily & Elsi Kaiser (2014) Looking back and looking forward: Anaphora and cataphora in Italian. *Proceedings of the 37th Annual Penn Linguistics Conference, University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* 20 (1), pp. 81-90.
- Filiaci, Francesca, Antonella Sorace & Manuel Carreiras (2014) Anaphoric biases of null and overt subjects in Italian and Spanish: a cross-linguistic comparison, *Language and Cognition and Neuroscience* 29 (7), pp. 825-843.
- Kaltsa, Maria, Ianthi Tsimpli & Jason Rothman (2015) Exploring the source of differences and similarities in L1 attrition and heritage speaker competence: Evidence from pronominal resolution. *Lingua* 164, pp. 266-288.



- Lobo, Maria & Carolina Silva (2016) Ambiguidade pronominal em orações adverbiais do português europeu: crianças vs. adultos. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 2, pp. 319-338.
- Luegi, Paula (2012) *Processamento de sujeitos pronominais em Português: efeito da posição estrutural do antecedente*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Madeira, Ana, Maria Francisca Xavier & Maria de Lourdes Crispim (2010) Interpretação semântica e/ou pragmático-discursiva de sujeitos na aquisição de português L2 *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, pp. 513-529.
- Madeira, Ana, Maria Francisca Xavier & Maria de Lourdes Crispim (2012) Uso e interpretação de sujeitos pronominais em português L2, *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 376-397.
- Margaza, Panagiota & Aurora Bel (2006) Null subjects at the syntax-pragmatics interface: evidence from Spanish interlanguage of Greek speakers, in: M. Grantham O'Brien, C. Shea, & J. Archibald (Eds.) *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)* Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 88-97.
- Margaza, Panagiota & Aurora Bel (2008) Adquirir el mismo valor del parámetro: los sujetos en la interlengua española de los aprendices griegos. 25 años de lingüística en España [Recurso electrónico]: hitos y retos = 25 years of applied linguistics in Spain: milestones and challenges / coord. por Rafael Monroy Casas. Aquilino Sánchez Pérez, pp. 115-122.
- Montalbetti, Mario (1984) *After binding. On the interpretation of pronouns*. Dissertação de doutoramento, MIT.
- Morgado, Sara (em curso) *The impact of animacy on coreference processing*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Papadopoulou Eleni Peristeri, Evagelia Plemenou, Theodoros Marinis & Ianthi Tsimpli (2015) Pronoun ambiguity resolution in Greek: Evidence from monolingual adults and children. *Lingua* 155, pp. 98-120.
- Pirkmayr, Ina (2015) *Zur Sprachkompetenz portugiesischer Herkunftssprecher in Deutschland. Eine Studie zur Subjektverwendung*. Dissertação de mestrado, Goethe University.



- Serratrice, Ludovica (2007) Cross-linguistic influence in the interpretation of anaphoric and cataphoric pronouns in English-Italian bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition* 10 (3), pp. 225-238.
- Serratrice, Ludovica, Antonella Sorace & Sandra Paoli (2004) Crosslinguistic influence at the syntax–pragmatics interface: Subjects and objects in English–Italian bilingual and monolingual acquisition. *Bilingualism: Language and Cognition* 7 (3), pp. 183–205.
- Silva, Carolina (2012) Interpretação de sujeitos pronominais nulos e lexicais encaixados na aquisição do português europeu, In A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (eds.), *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp.567-586.
- Silva, Carolina (2015) *Interpretation of Clitic, Strong and Null Pronouns in the Acquisition of European Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Sorace, Antonella & Francesca Filiaci (2006) Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research* 22 (3), pp. 339-368.
- Sorace, Antonella, Ludovica Serratrice, Francesca Filiaci & Michela Baldo (2009) Discourse conditions on subject pronoun realization: Testing the linguistic intuitions of older bilingual children. *Lingua* 119, pp. 460-477.
- Tsimpli, Ianthi Maria & Antonella Sorace (2006) Differentiating Interfaces: L2 performance in syntax-semantics and syntax-discourse phenomena. *BUCLD Proceedings* 30, pp. 653-664.



Apêndice: Estímulos usados no teste

- 1 O pai fotografou o menino quando se sentou.
- 2 A avó cumprimentou a menina quando ela chegou a casa.
- 3 Quando subiu à árvore, a menina chamou a mãe.
- 4 Quando ela saiu da garagem, a bruxa molhou a princesa.
- 5 A princesa viu a bruxa quando subiu à árvore.
- 6 Quando caiu na rua, o menino chamou o polícia.
- 7 Quando ele subiu à árvore, o polícia viu o ladrão.
- 8 Quando acordou, a avó viu a menina.
- 9 A menina viu a bruxa quando ela começou a correr.
- 10 Quando ele tropeçou, o avô chamou o médico.
- 11 A mãe cumprimentou a avó quando entrou na cozinha.
- 12 Quando chegou a casa, o avô cumprimentou o menino.
- 13 O menino viu o pai quando ele acordou.
- 14 Quando ela se sentou, a mãe fotografou a menina.
- 15 Quando começou a correr, o menino viu o ladrão.
- 16 A menina chamou a professora quando tropeçou.
- 17 Quando ele entrou no escritório, o pai cumprimentou o avô.
- 18 O avô fotografou o menino quando ele saiu da garagem.
- 19 O bombeiro molhou o menino quando saiu da garagem.
- 20 O menino chamou o avô quando ele subiu à árvore.
- 21 Quando saiu da garagem, a mãe fotografou a menina.
- 22 Quando ela se levantou, a menina chamou a professora.
- 23 A menina chamou a mãe quando ela caiu na rua.
- 24 O polícia chamou o bombeiro quando se levantou.

